

Título: O que sobrou do paraíso ? Fluxos da metrópole, comunicação e consumo no reencantamento do mundo juvenil¹.

Marcos Rodrigues de Lara²

Resumo

Analisar alternativas de reencantamento de grupos juvenis no cotidiano da metrópole paulista, pela leitura dos textos midiáticos e culturais disponíveis através da circulação pelo meio urbano. Este estudo dialoga com o projeto de pesquisa desenvolvido pelo autor no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP para seu doutoramento. Avaliar as interconexões experimentadas pelos jovens nas vertentes locais e temporais, na construção dos significados de sua presença urbana.

Palavras-chave

Culturas urbanas e juvenis; fluxos metropolitanos; mídias; consumo; encantamento.

Corpo do trabalho

Neste início do século XXI pode-se dizer, sem grande risco de incorreção, que a antropologia extrapolou o estudo de povos camponeses ou indígenas não europeus ou não ocidentais sobre o que construiu sua estrutura como ciência. Desenvolveu investigações sobre as metrópoles, ocupando-se de todo tipo de sociedades complexas, tradicionais e modernas, das cidades e de suas redes relacionais.

Desde o início do século XX, quando somente 4% da população mundial vivia em cidades, até este início de século XXI, quando a metade dos habitantes do globo se urbanizaram, o significado e a importância do urbano tem se alterado profundamente. Neste movimento migratório, os conjuntos sociais objetos da observação da antropologia clássica, os camponeses e os indígenas, agora se encontram em grande parte nas cidades. Mesmos em áreas de pesquisas clássicas, como a América Latina, ela tem atualmente 70% de sua população residindo em conglomerados urbanos. É nelas que, agora, se desenvolvem e

¹ Trabalho apresentado ao XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM 2006 – no NP 21 – Comunicação e Culturas Urbanas.

² Educador, filósofo e doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PUC-SP). É pesquisador na área de cultura contemporânea: imagens, comunicação e consumo juvenis.

reproduzem suas tradições e os intercâmbios mais complexos da multiculturalidade e da multietnicidade.

Nas palavras de Canevacci:

Não há mais continentes a descobrir (multiétnicos e multiculturais) ou utopias a serem procuradas: aqui se desvelam constantemente espaços em pedaços, pedaços-de-espaço, espaço de corpos, de roupas, de signos, de cimento, de som. (Canevacci, 2005:69)

Existe hoje uma dificuldade conceitual muito grande para se definir o que seja, na contemporaneidade, uma cidade. Essa dificuldade deriva, em grande parte, da variedade histórica na formação das cidades e suas atividades básicas, tais como: industriais, administrativas, capitais políticas, de serviços, portos, turísticas, etc. Com esta dificuldade, a heterogeneidade e a diversidade sociocultural aparecem como um dos assuntos mais desestruturados da modernização dado as características das cidades modernas de múltiplas funções e atividades em um mesmo espaço. Essa característica fica agravada sob o efeito do deslocamento das funções econômicas entre regiões, descaracterizando o perfil inicial de um determinado espaço urbano e de seus ocupantes.

Os espaços urbanos vão registrando e sendo testemunhas das múltiplas etapas de desenvolvimento apresentados pelas cidades. Com isso fazem compartilhar o panorama urbano monumentos históricos, espaços de produção industriais em atividade ou desativados, construções pós-modernas destinadas à prestação de serviços dos mais diversos que abrangem do setor financeiro ao de informática e os espaços de práticas de entretenimento com suas ramificações e influências transnacionais.

A convivência dos diversos períodos em um mesmo tempo e espaço (aqui e agora) gera uma heterogeneidade multitemporal que provoca processos de hibridização, conflitos e transações interculturais muito intensas no seu interior. A coexistência de migrantes de regiões distintas do mesmo país e de outros países multiplica essa heterogeneidade e hibridização provocadas pela convivência de construções e modos de organizar o espaço feitos em épocas históricas passadas e distintas.

Mesmo com a planificação macrosocial, a padronização imobiliária e viária, e o desenvolvimento comum e interconectado dos mercados capitalistas tendem a fazer das cidades dispositivos de homogeneização. Esses três fatores que caracterizam as cidades contemporâneas não têm força para impedir que a diversidade emerja ou se expanda.

Na verdade, o diferencialismo não somente é real no espaço urbano como também se apresenta como uma ideologia urbanística. Desde os anos setenta, uma urbanização democrática é caracterizada por três fatores: a diferença, a multiplicidade e a descentralização. Mesmo com pré-determinações de cunho econômico, será a composição destes três fatores que caracterizará a condição de desenvolvimento sociocultural do grupo humano que habita este espaço, como se pode observar na parte menos desenvolvida do planeta com o crescimento caótico de movimentos de sobrevivência baseados na escassez, a expansão errática, o uso predatório do solo, da água e do ar. Por vezes estes movimentos são justificados pelo slogan da descentralização ou da desregulamentação, com o propósito de trazer mais liberdade para os agentes econômicos em geral.

Para as cidades da parte pobre do planeta, como São Paulo, é evidente que a fraqueza reguladora não aumenta a liberdade senão a insegurança e a injustiça. A condição pós-moderna pode significar nestas áreas a agudização das contradições da modernidade: o desaparecimento do pouco que se havia conquistado na área do urbanismo, o esgotamento da vida pública e a busca privada de alternativas de uma vida urbana entendida como tumulto extressante. O abandono de políticas públicas unificadas, junto ao agravamento do desemprego e da violência geram segregação espacial.

Cidade: um espaço desconstruído

Uma megalópole³, como São Paulo, impressiona tanto por seu vertiginoso crescimento como por sua complexa multiculturalidade, que desafiam seu sentido histórico e contribuem para por em crise as definições com que se pretende defini-las.

³ A bibliografia especializada usa o termo megalópole para definir a etapa de desenvolvimento em que uma grande concentração urbana integra outras cidades próximas e configura uma rede de assentamentos interconectados.

É durante este processo de expansão territorial, que torna impraticável a interação entre suas partes e fazem desaparecer as imagens físicas de conjunto, que os meios de comunicação se expandem massivamente criando e distribuindo imagens que re-conectam as partes desintegradas.

É a mesma política econômica, que moderniza a industrialização através do rompimento de fronteiras geográficas, quem vai promover as novas redes audiovisuais que reorganizam as práticas de informações e entretenimentos, recompondo o sentido da metrópole. Esta reorganização das práticas urbanas sugere que a caracterização socioespacial da megalópolis deve ser completada com uma redefinição sociocomunicacional, que dê conta do papel reestruturador dos meios de desenvolvimento da cidade.

O que está por trás deste pensamento é que a megalópole, apesar de abarcar grandes contingentes populacionais conturbando física e geograficamente suas atividades e seu trânsito por entre as suas regiões, os conecta com as experiências macrouurbanas através das redes de comunicação de massa. Não temos problemas em entender esse mecanismo quando se trata de pequenas e médias cidades que podem ser cobertas por rádio e televisão com relativa facilidade. No entanto, cidades desestruturadas por sua extraordinária expansão territorial e sua imbricação estratégica em redes mundiais, nos fazem pensar em que sentido estas multiplicações de ligações midiáticas adquirem um significado particular quando vinculados a uma história de expansão demográfica e espacial, e com uma complexa e disseminada oferta cultural que própria das grandes cidades.

Para que possamos nos aproximar desses desdobramentos das cidades provocados pelos efeitos das tecnologias das informações sobre as transformações do espaço podemos nos utilizar da noção da cidade como sendo um espaço de fluxos⁴ ou como um sistema de

⁴ Este conceito é usado, principalmente por Manuel Castells, para designar a maneira em que os usos territoriais passam a depender da circulação de capitais, imagens, informações estratégicas e programas tecnológicos.

fluxo⁵, se quisermos nos afastar da identidade conceitual que o termo “espaço” tem com os aspectos físicos do objeto de análise.

O leitor do sistema de fluxos da cidade

O sujeito moderno, racional, centrado e unitário, na avaliação pós-estruturalista e pós-moderna é uma construção muito particular do projeto iluminista que o pressupunha como capaz de opções racionais conscientes e autônomas em relação à sociedade, desde que devidamente educado. Isso o tornava peça fundamental na organização econômica e social dos estados modernos. A construção desta idéia de sujeito, universal e atemporal, só se tornou possível graças aos aparatos discursivos e lingüísticos que, historicamente, o manufaturaram, daí podermos entender a força com que a crítica pós-estruturalista centrou seus argumentos na questão da linguagem. E por isso podemos entender os fluxos da cidade como um texto a ser lido no seu percurso.

A cidade, ao ser semióticamente entendida como um texto, apresenta peculiaridades que pode ser comparado ou estar ligado a qualquer outro texto de qualquer espécie. Para os autores pós-estruturalistas a vida cultural se constitui em uma série de textos em intersecção com outros textos. Mensagens ou significados deixam de ter relação rígida com significantes ou meios e passam a separar-se e reunir-se constantemente em novas combinações. É esta a idéia do desconstrucionismo⁶.

A conquista de novos conhecimentos no interior dos jogos de linguagem (narrativas) legitimadores torna-se restrita aos que podem mais, aos que dispõem de melhores condições financeiras, pois o saber está diretamente subordinado ao lucro que valida o saber. Assim, embora seu avanço assuma um caráter interdisciplinar, ele não visa buscar-se a si mesmo, através da linguagem especulativa, nem muito menos a emancipação

⁵ A bibliografia atual requer este caráter dual do urbano – espacial e comunicacional – em dois sentidos: de um lado, em relação com os sistemas informacionais e seus impactos nas relações capital/trabalho (como são os estudos de Castells). Por outro lado, em conexão com os novos diagramas e usos socioculturais urbanos gerados pelas indústrias comunicacionais (como são os estudos de Garcia Canclini e Martin Barbero).

⁶ Movimento iniciado por Derrida no final dos anos 60.

da sociedade, quando prescritivo. O saber, segundo Lyotard, está sempre em busca da performance e do aumento de poder de seu usuário, com novas argumentações, novas regras e jogos de linguagem em que o consenso se torna inatingível. Para Lyotard, o conhecimento, hoje, está sempre se codificando e recodificando, das mais diferentes maneiras em função das transformações técnicas e sociais da comunicação.

Canevacci confirma o pensamento de Lyotard. Para ele há, realmente, em nossos dias, uma descrença generalizada na inelutabilidade do progresso e um crescente desconforto em relação à fixidez categórica do pensamento de tradição iluminista. Esta crise no conceito de racionalidade, instaurado pela filosofia das luzes, vem, sem dúvida, operando transformações no mundo da representação e do conhecimento. Ainda, segundo ele, as idéias nascem e se reproduzem diretamente das coisas, das mercadorias produzidas pela tecnologia. (Canevacci, 1988: 14 e 34).

Entender a experiência de cidade moderna como ambígua, contraditória e angustiante, e de verificar, através dela, os reflexos na teoria cultural de características como: unidade na separação, possibilidade de desagregação e renovação perpétuas. Separação, desagregação e renovação se colocam como componentes inseparáveis da visão de autores que, como Barthes, concebem o texto como parte de uma rede, composta de uma infinidade de outros textos, que, como nós, vão se entrelaçando em referência uns com os outros: *“a impossibilidade de viver fora do texto infinito – que este texto seja Proust, ou o jornal diário, ou a tela da televisão: o livro faz o sentido, o sentido faz a vida.”* (Barthes, 1987: 49).

Tal como as observações de Lyotard, relacionadas com o saber na era pós-industrial, as afirmações de Canevacci sobre as idéias estão identificadas com a alteração das condições atuais de comunicação que, por sua vez, permeiam a globalização e a mundialização da economia constatadas no mundo.

A grande expansão do número de computadores conectados em redes exerce, em nossos dias, a exata função que, em seu tempo, exerceram as estradas de ferro, no sentido

de anexar territórios ao mundo capitalista. As pressões financeiras que deslocam o espaço urbano são as mesmas que alteraram, anteriormente, o espaço rural e os bolsões de modernidade do terceiro mundo são retransmissores do capitalismo mundial, como eram no passado, as colônias tropicais das potências européias. Mais do que nunca produções e trocas servem para reproduzir o capital.

O que ler no sistema de fluxos da cidade

Em meio a esse fluxo de sentidos, há que se ter um olhar novo e diferente para se descrever e analisar as grandes mudanças que as novas tecnologias de informação e comunicação vêm patrocinando no sentido de produzir novas identidades sociais.

Pierre Lévy, em sua obra “Cibercultura” (Lévy, 1999), apresenta como essencial para a compreensão das mutações da civilização contemporânea a reflexão sobre a passagem das culturas orais para as culturas escritas. Para Lévy a emergência do espaço virtual eletrônico tem sobre as comunicações um efeito tão radical quanto na sua época o efeito da escrita.

Com o advento da escrita, mensagens produzidas em épocas passadas, em lugares distantes, cultural e socialmente distintos, puderam ser transmitidas e recebidas. A busca de um mesmo sentido para diferentes épocas ou diferentes lugares, o domínio globalizante do significado, o anseio pelo todo, seja através de invenções, ligadas à recepção, como as traduções e interpretações, seja através de composições que contivessem em si mesmas a chave para sua compreensão, estão associadas ao universal que a escrita houve por bem instituir.

Seja qual for a mensagem abordada, ela se conecta a outras mensagens, a comentários, a glosas em constante evolução ... Um texto qualquer é talvez o fragmento ignorado do hipertexto em constante movimento, que o envolve e o conecta a outros textos, servindo de mediador ou meio a uma comunicação recíproca, interativa, ininterrupta. (Lévy, 1999: 118-119).

Para Lévy o espaço virtual nos reconduz a uma situação anterior à escrita – mas numa outra escala e numa outra ordem – na medida em que a interconexão e o dinamismo

em tempo real das memórias em rede faz com que o mesmo contexto seja partilhado pelos integrantes da comunicação, independentemente da diversidade das comunidades a que pertençam. O processo de interconexão, porém realiza o universal de uma forma diferente daquela patrocinada pela escrita na medida em que não reúne pela unidade de sentido, mas pela interação geral.

O texto da cidade lido pelo jovem em seu encantamento

Como vimos até aqui, as metrópoles não podem mais serem lidas como um texto racional e direto. Elas formam fluxos de informações fragmentárias que se oferecem para livres associações dos leitores que sobre eles se debruçar. É praticamente se ter unanimidade na leitura de uma metrópole.

Para Canevacci, elas são fragmentos que se sobrepõem criando e destruindo espaços comunicacionais extremamente flúidos tanto no espaço como no tempo⁷. Suas leituras são possíveis apenas aos que, momentaneamente, entram em seus fluxos e que com eles interagem num processo de interação e troca mediada pelos muitos processos de comunicação: *“as tensões anômicas, então, fluem em sequencias-sequelas de passagens híbridas, de nonordes sincréticas, de lógicas iterativas.”* (Canevacci, 2005: 170).

A anomia tenciona e exaspera os muitos fios que inter-relacionam mídia e metrópole. As percepções visuais, sonoras, corporais da mídia e, ainda mais, da chamada pós-mídia fluem no meio dessas tensões intermináveis de anomia metropolitana. Dissociam-se e agrupam-se. É nesse jogo de dissociação e agrupamento que se dá a leitura de uma identidade positiva por parte dos jovens na metrópole.

As anomias desemolduram o panorama estabelecido e compacto da ordem, reforçado inclusive pela grande mídia⁸, (nos métodos, nos conceitos, nas performances, na arte, nas escrituras) e quando esse movimento é capturado pela ordenação geral, ela faz

⁷ Culturas eXtremas, na expressão de Canevacci.

⁸ Inclui-se aqui a ordenação dada pela grande mídia ao tratar de temas como a rebeldia que é apresentada como um look que tem regras a serem seguidas na sua apresentação.

romper as amarras do prescrito e vai além do aceitável. A configuração das anomias escorrega nos interstícios. Não busca o poder e, mesmo que o encontrasse, o descentralizaria. Esta leitura se molda e flui entre fraturas de figuras, entre interzonas macias, entre dobras barrocas. E corroem.

Arjun Appadurai utilizou esses fluxos panorâmicos da mídia (mediascape⁹) como um traço disjuntivo em relação ao passado. Tudo aquilo que parecia emoldurável numa visão cultural homogênea e unitária se desemoldura. Nada é compreensível nem experimentável sem a comunicação midiática, particularmente da pós-mídia personalizada.

Dessa forma o encantamento juvenil se dá de forma subjetiva de acordo com sua experimentação dos fragmentos da metrópole e dos sentidos deles tirados ou a eles atribuídos, impossíveis de serem transformados em universais totalizantes. *“Um mediascape não tem mais contextos físicos, materiais, realistas, mas se dissemina – diapórico – nos fluídos estéricos, metropolitanos, visuais. Mundos imaginados, mundos múltiplos, disjunturas crescentes e experimentadas.”* (Canevacci, 2005: 171).

Tudo isso difunde um repertório complicado e intercomunicante de imprensa, cinema, visores eletrônicos e espaços publicitários. Por isso os limites entre panoramas realistas e de ficção são confusos. Adquirem e multiplicam concatenamentos entre fragmentos de imagens. Mas, sobretudo, segundo Appadurai, o que emerge desses fluxos globais são as disjunturas crescentes.

Mais uma vez, está fora qualquer possibilidade de síntese e crescem as desterritorializações, disjuntivas e fantásticas, construídas pelos mediascapes, sempre mais dirigidas para os fluxos étnicos.

Os fluxos expressivos juvenis de encantamento nascem e se decompõem nesta tensão dilacerada e apaixonada. Uma tensão que não procura novas visões de síntese, todas

⁹ Appadurai utiliza as acepções com o sufixo “scape” para indicar que essas não são relações objetivamente dadas, mas construtos profundamente perspectivos, definitivamente alterados pelas condições históricas, lingüísticas e políticas dos diversos atores envolvidos.

consideradas incongruentes, restauradoras e autoritárias. Nem reflexo, nem espelhamento, mas a recíproca autoconstrução narrativa entre fluxos midiáticos e fluxos metropolitanos. Autoprodução.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. Mitologias. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. O mal estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

CANEVACCI, Massimo. Culturas eXtremas: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. Antropologia da comunicação visual. São Paulo: Brasiliense, 1988.

GARCIA CANCLINI, Néstor. Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4ª ed. São Paulo: EdUSP, 2003

LÉVY, Pierre. Cibercultura. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1999.

MAFFESOLI, Michel. Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas. São Paulo: Record, 2001.

_____. O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

MORIN, Edgar. Cultura de massa no século XX. O espírito do tempo 1. Neurose. 6ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. Lisboa: Gradiva. 1989.